



A EDUCAÇÃO DA MULHER NA VISÃO DO MÉDICO E EDUCADOR AFRÂNIO PEIXOTO¹

Dra. Elizabeth Sousa Abrantes (UEMA)

bethabrantes@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho visa a apresentar o pensamento pedagógico de Afrânio Peixoto no tocante à educação feminina na primeira metade do século XX, tendo por base sua obra intitulada “*Eunice ou A Educação da Mulher*” (1944). A visão de Afrânio Peixoto sobre a mulher era orientada por sua formação em medicina e sua preocupação com a eugenia, a higiene e a educação na constituição de uma população sadia e desenvolvida, o que em sua opinião passava necessariamente pelo papel da mulher como mãe e educadora das futuras gerações, devendo deixar de ser um ente passivo para tornar-se mais atuante na sociedade, o que não necessariamente significava a defesa da mulher independente. Defensor da “virgindade moral”, suas ideias apresentadas em defesa da emancipação feminina pela educação representavam uma mudança conservadora, uma vez que seu discurso científico tinha como objetivo resguardar os valores burgueses de honra através do controle da sexualidade feminina e evitar os novos comportamentos trazidos pelos “tempos modernos”, considerados ameaçadores da honestidade feminina.

Palavras-chave: Afrânio Peixoto. Educação. Mulher. Século XX.

Abstract: Study on the pedagogical thought of Afrânio Peixoto in regards to the feminine education in the first half of century XX, having for base its intitled workmanship “*Eunice or the Education of the Woman*” (1944). The vision of Afrânio Peixoto on the woman was guided for its formation in medicine and its concern with the eugenia, the hygiene and the education in the constitution of a population healthy and developed, what in its opinion it passed necessarily for the paper of the woman as mother and educator of the future generations, having to leave of being a passive being to become more operating in the society, what not necessarily it meant the defense of the independent woman. Defender of the “moral virginity”, its ideas presented in defense of the feminine emancipation for the education represented a change conservative, a time that its scientific speech aimed at to protect the bourgeois values of honor through the control of the feminine sexuality and to prevent the new behaviors brought for the “modern times”, considered threatening of honesty female.

Keywords: Afrânio Peixoto. Education. Woman. Century XX.

¹ Artigo recebido em 15/8/2010 e aceito em 27/9/2010.

Introdução

No Brasil, no início da República, uma das grandes preocupações das elites dirigentes era de ordem moral e social, envolvendo a constituição e harmonia das famílias, o controle da sexualidade feminina e o disciplinamento das camadas populares como garantias da ordem social, por meio de medidas coercitivas ou ideológicas, tendo estas últimas a educação como instrumento.

As transformações sociais e demográficas resultantes da abolição da escravidão demandavam uma intensificação do discurso civilizador para contrapor uma possível igualdade jurídica prevista pela Constituição de 1891, que proclamava uma república de cidadãos livres e iguais perante a lei. O crescimento urbano e as mudanças sociais traziam consigo novas demandas de sociabilidade para as famílias e as mulheres, fazendo com que fossem criadas novas estratégias para conciliar os interesses coletivos da família com os de seus membros.

A maior visibilidade feminina nos espaços públicos, com o acesso às instituições escolares e ao mercado de trabalho, especialmente para as camadas médias urbanas, trazia preocupações de ordem moral que se refletiam em discursos a favor e contra as novas conquistas femininas. Os discursos mais moderados apontavam as vantagens da educação feminina para o aperfeiçoamento dos seus papéis sociais de esposas, mães e donas-de-casa, com a chamada “maternidade consciente”. Já os discursos mais alarmistas alertavam que os novos comportamentos poderiam trazer a dissolução da família e do casamento, causando prejuízos a toda ordem social, e por isso apregoavam que a mulher devia limitar-se ao espaço privado do lar e ao cuidado do esposo e filhos.

As primeiras décadas do século XX foram acompanhadas de mudanças importantes na instituição do casamento e constituição das famílias, com o modelo matrimonial evoluindo de um padrão de casamentos negociados, que visava a interesses econômicos, para um novo modelo pautado no afeto e na livre escolha do cônjuge. Eram mais valorizadas as fases que antecediam o enlace matrimonial, como o namoro e o noivado, e embora com regras rígidas, eram consideradas fases importantes para o conhecimento do futuro casal.

As moças conquistavam o direito de externar à família suas paixões, necessitando, entretanto, negociar o consentimento dos responsáveis para oficializar o namoro. Por isso, as alianças matrimoniais de interesse econômico frustravam as jovens apaixonadas. Essas

mudanças nos costumes tiveram impacto sobre a organização da família e do casamento, resultando numa “redefinição dos padrões de comportamento, graças à maior socialização da mulher no meio urbano e à introdução de novos valores éticos, como a relativa importância do amor romântico e a adoção de padrões morais mais permissivos” (ARAÚJO, 1993, p. 37).

Os discursos desse período sobre a situação da mulher e sua educação apontavam para um momento de transição que anunciava mudanças significativas para a sociedade e para a própria mulher. Nessa polifonia, apresentavam-se vozes conservadoras preocupadas com a dissolução de costumes patriarcais tradicionais, e também vozes mais liberais, preocupadas tanto com a modernização dos papéis masculinos e femininos sem, contudo, alterar a “desigualdade de gênero”, quanto como promover a garantia de direitos civis e sociais às mulheres.

Além dos debates sobre família, casamento, educação e o papel da mulher como esposa e mãe, outra mudança para a família no início do século foi o aumento da interferência do Estado em questões privadas, assumindo determinadas funções, antes só da competência do chefe de família. O Estado, especialmente através do dispositivo médico, foi tirando do pai prerrogativas jurídicas que lhe garantiam a supremacia total na esfera familiar, especialmente em relação a sua prole. “A concepção higienista desenvolvia um projeto de transformação familiar e preparava o Brasil para o capitalismo” (ARAÚJO, 1993, p. 45).

A medicina teve participação importante nesses debates sobre a família e educação feminina, com um discurso de “medicalização” direcionado especialmente para a mulher, considerada o pilar da família e da sociedade.²

Afrânio Peixoto: um olhar médico sobre a educação

O médico baiano Afrânio Peixoto³ foi uma das grandes autoridades no campo da educação e da medicina nas primeiras décadas do século XX. Suas preocupações nos campos do saber médico e da educação visavam ao desenvolvimento de uma raça forte, higienizada, disciplinada, capaz de promover o progresso e manter a ordem no país. Nesse sentido,

² A idade dos cônjuges foi um dos pontos levantados pelos médicos no intuito de estabelecer certa harmonia entre o casal e zelar por uma prole saudável.

³ Júlio Afrânio Peixoto nasceu em 17 de dezembro de 1876, na cidade de Lençóis, na Chapada Diamantina (Bahia) e faleceu no Rio de Janeiro a 12 de janeiro de 1947, aos 71 anos de idade. Estudou medicina em Salvador e depois de formado transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde fez sua carreira médica. Foi professor universitário (nas faculdades de medicina e direito), diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro, higienista, deputado federal e reitor da Universidade do Brasil.

empenhou-se no estudo de temas como a eugenia, higiene, sexualidade (homossexualidade, adultério e defloramento), puericultura, loucura, criminalidade e a educação da mulher. Esses temas tinham uma forte ressonância política, pois incidiam sobre reformas urbanas, políticas de controle e sobre a repressão dos sujeitos considerados “doentes sociais”, bem como na organização das famílias, no disciplinamento das massas e das mulheres.

Afrânio Peixoto deixou uma vasta obra que inclui textos literários (romances), compêndios médicos e pedagógicos⁴. Foi um dos intelectuais mais atuantes no Brasil na primeira metade do século XX, tendo sido signatário do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* em 1932, propondo juntamente com Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Cecília Meireles e outros intelectuais um programa de renovação educacional.

A participação de Afrânio Peixoto nos principais debates no campo da educação estava permeada do seu olhar médico-científico, que tinha em vista estabelecer novas “verdades” e desconstruir concepções que considerava atrasadas e incompatíveis com os novos tempos. Como escritor, médico e educador, imortal da Academia Brasileira de Letras, entre outros títulos importantes recebidos no meio científico, destacou a mulher como um dos seus temas principais no campo dos estudos de pedagogia⁵.

A mulher...Olhe, este indispensável aparelho tem o maior número de peças inútil, e que, além disso, funcionam mal... É um aparelho de sensações, mas com peças disparatadas e sem emprego justificador. Lembra-se daqueles relógios antigos? Um cebolão, que tomava todo o bolso, e tinha, ao demais, uma chave para dar corda... Pois bem, hoje é uma pastilha, um comprimido, berloque, ou botão de lapela, ou bracelete de punho, um relógio moderno. Pois a mulher não mudou, ficou no que era, a máquina complicada, sempre a dar trabalho. E sempre precisada da chave, para dar corda (PEIXOTO, 1947. apud. MOTA et al. In. HERSCHMANN, 1994, p. 153).

A carreira de Afrânio Peixoto teve impulso com sua transferência para o Rio de Janeiro em 1902. Na capital federal, tornou-se membro da Academia Nacional de Medicina, professor das Faculdades de Medicina e de Direito do Rio de Janeiro, diretor da Escola

⁴ Algumas de suas obras literárias e pedagógicas foram: *Rosa Mística* (drama/1900); *Lufada Sinistra* (novela/1900); *A Esfinge* (romance/1911); *Minha Terra e Minha Gente* (história/1915); *Poeira da Estrada* (crítica/1918); *Trovas Brasileiras* (1919); *Parábolas* (1920); *José Bonifácio, o velho e o moço* (biografia/1920); *Castro Alves, o poeta e o poema* (1922); *Bugrinha* (romance/1922); *Ensinar e ensinar* (ensaio de Pedagogia/1923); *Dicionário dos Lusíadas* (filologia/1924); *Camões e o Brasil* (crítica/1926); *Uma mulher como as outras* (romance/1928); *História da literatura brasileira* (1931); *Castro Alves* (ensaio bibliográfico/1931); *Noções de História da Educação* (1933); *Panorama da literatura brasileira* (1940); *Obras completas* (1942); *Eunice ou A Educação da Mulher* (1944); *Breviário da Bahia* (1945); *Livro de horas* (1947).

⁵ Para saber mais informações sobre a produção bibliográfica de Afrânio Peixoto, seus títulos e sua trajetória profissional, Cf. MOTA, Joaquim A. César e et al. Júlio Afrânio Peixoto, (1876-1947): ensaio biográfico. In. HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A Invenção do Brasil Moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 - 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

Normal do Distrito Federal, entre outros cargos importantes que marcaram sua vertiginosa carreira.

No início do século XX, a capital federal passava por uma série de mudanças que visavam ao saneamento do espaço urbano, a fim de combater as epidemias e endemias, bem como modificar seu traçado e arquitetura para adequá-la às exigências da vida moderna, com ruas e avenidas mais espaçosas, novas construções urbanas, levando à destruição dos antigos prédios que serviam para as moradias coletivas, os cortiços, considerados pelas autoridades públicas como sendo prejudiciais ao melhoramento estético e sanitário da cidade.

A intervenção de Afrânio Peixoto nesses debates higienistas se deu pelos discursos médicos e pedagógicos, direcionando-os especialmente para a mulher, já que esta era considerada o pilar da família. Seu entusiasmo pela ciência, em especial a medicina, era fortemente expresso em suas obras de educação, onde aplicava os mesmos conceitos utilizados em seus livros sobre saúde e higiene, numa clara sintonia com os demais adeptos da racionalidade médico-higiênica.

Para tanto propunham medicamentar todas as áreas de conhecimento, do direito à educação, e submeter os interesses individuais ao coletivo das leis eugênicas, legislando sobre todos os aspectos da vida humana, desde antes de sua fecundação (atestado médico pré-nupcial dos nubentes para autorização do casamento) até além da sua morte, com propostas higiênicas de como deviam ser os cemitérios (MOTA et al. In. HERSCHMANN, 1994, p. 150).

Sobre a eugenia, considerava que era “a moderna arte ou ciência que se preocupa com uma raça humana sadia e feliz, e começa, para obtê-la, em procurar a saúde e a felicidade daqueles donde há de vir” (PEIXOTO, 1923, p. 64). Condenava o casamento precoce, a união de cônjuges com grandes diferenças de idade, a prostituição e o homossexualismo⁶. Como defensor da ideologia do branqueamento, através da imigração e da seleção sexual como meio de aperfeiçoamento da população brasileira, desenvolveu vários estudos de medicina legal que contribuíram para justificar “cientificamente” o racismo.

Afrânio Peixoto considerava que o médico tinha uma contribuição mais relevante para o futuro da nacionalidade, devendo inclusive influenciar na elaboração das leis feitas no meio jurídico. Os “eugenistas denominavam-se evangelistas da harmonia social e pretendiam sanear fisicamente a raça humana para, em seguida, fazer o saneamento político” (MOTA et al. In. HERSCHMANN, 1994, p. 171).

⁶ Nesse período essa era a expressão utilizada, para classificar a homossexualidade como doença.

Os estudos sobre a honra feminina associada à virgindade, conhecidos como a “cultura do hímen”, contaram com a participação de Afrânio Peixoto, considerado um dos maiores especialistas na questão. Posicionava-se contrário à himenolatria, com estudos que refutavam crenças científicas em voga, até mesmo estudos de cientistas europeus. Baseado em farta documentação resultante da observação de hímens, num total de 2.701⁷, comprovou que a existência do *hímen complacente* era mais comum do que se acreditava, o que possibilitava que essa membrana permanecesse íntegra mesmo em caso de defloramento. Por essa razão, procurava demonstrar o erro em focar a honestidade feminina exclusivamente na fisiologia, defendendo, portanto, a “*virgindade moral*”.

Segundo Caulfield, (2000, p. 185), Afrânio Peixoto acreditava que “a lei deveria tanto disciplinar as mulheres como defender os homens do número crescente de ‘semivirgens’, ou mulheres cujos hábitos liberados as tornavam desonestas, mesmo que tivessem mantido a integridade do hímen”.

A puericultura⁸, considerada a base para o desenvolvimento sadio do indivíduo, foi outra preocupação dos trabalhos de Afrânio Peixoto. Após fazer coro com o meio científico e o senso comum de que a educação começa no berço, foi além ao defender que esta começa nas entranhas da mãe. Por isso, “uma mãe, não educada sexualmente, higienicamente, porá em perigo a vida de sua criatura, senão a própria vida” (PEIXOTO, 1944, p. 268). Considerava a maternidade como o serviço patriótico obrigatório das mulheres, assim como o serviço militar era o serviço dos homens. Por isso, o ensino da puericultura deveria ser dado para as meninas na escola, reforçando o ensino já obtido no lar, ajudando as mães no trato dos irmãos menores ou nas brincadeiras de boneca, “aprendendo para o futuro o divino mister de mãe” (PEIXOTO, 1923, p. 64).

A educação da mulher era o tema que por excelência reunia todas as preocupações acima destacadas. Para explicar como se deveria educar a mulher forte, fazia inicialmente uma crítica da educação tradicional que a manteve por séculos na ignorância e submissão.

Para Afrânio Peixoto, a mulher completa deveria ser aquela que vence pela educação, diferente das que observava em sua época, consideradas meras frações de mulher, entre elas: a mulher doméstica, prisioneira de seu lar, triste e sem horizonte; a mulher da rua, que exhibe seu

⁷ Seu conhecimento o colocava numa posição de perito e crítico dos diagnósticos de defloramento que se pautavam exclusivamente na análise do hímen. Quanto aos números de hímens analisados, conferir o estudo de MOTA et al. Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947): ensaio biográfico. In. HERSCHMANN, M; PEREIRA, C. **A Invenção do Brasil Moderno**. RJ: Rocco, 1994, p. 163.

⁸ A Puericultura (do latim *puer*, pueris, criança), do ponto de vista do saber médico, é a área que se dedica ao estudo dos cuidados com o desenvolvimento infantil, com um conjunto de técnicas empregadas para assegurar o perfeito desenvolvimento físico e mental da criança.

luxo, afrontando a moralidade nas festas, teatros e até igrejas; a mulher operária, que obrigada pela concorrência do salário se esfalta de trabalhar, adoece e morre; a mulher boneca, que só sabe se enfeitar, gastando o que pode e o que não pode, do labor dos pais, maridos e parentes; a mulher ignorante, incapaz, pueril nos gostos e nos propósitos, que não passa de uma criança grande e caprichosa, e, finalmente, a mulher vaidosa, com conhecimentos superficiais que lhe subiram à cabeça, levando a um pedantismo intolerável (PEIXOTO, 1923, p. 62-63).

Todos esses tipos femininos representariam pedaços defeituosos de mulheres, que reunidos não chegavam a ser uma mulher, digna desse nome. A classificação das mulheres em “tipos” próprios ou não ao casamento era um recurso discursivo pedagógico amplamente utilizado a fim de ensinar o perfil esperado de uma jovem casadoira. Nesse caso, a ênfase dada à educação feminina estava relacionada ao papel da mulher no casamento, como companheira do marido e mãe exemplar, “cujo melhor dote seja a terna obediência e a plena e cordial aceitação do ideal de vida do esposo”.⁹

Para um homem de estudo, por exemplo, as candidatas a esposas existentes na classe média eram classificadas em cinco tipos¹⁰: a “*mulher intelectual*”, dedicada a uma carreira científica ou literária, com uma atração irresistível ao estudo; a “*mulher sábia e inteligente*”, a companheira ideal do cientista para ser sua colaboradora nos empreendimentos científicos, um tipo que ainda não havia aparecido no horizonte social brasileiro; a “*herdeira rica*”, habituada a uma vida de moleza, fausta e exibição, que acabaria contaminando seu esposo com seus gostos e prejudicando seus estudos; as “*artistas ou literatas profissionais*”, que gozavam de “talento e cultura viris”, mas perdiam o encanto da modéstia, adquirindo ares de domínio, vivendo em perpétua exibição de seus primores literários ou habilidades artísticas. Devido à inadequação das candidatas acima, restava ao cientista procurar a sua companheira entre as mulheres que viviam sossegadas em seus lares – “*a mulher burguesa*”.

A mulher burguesa era considerada um tipo de mulher sadia física e mentalmente, dona de um bom caráter e de uma moral familiar, com instrução bastante para compreender os gostos de seu marido e alentá-lo para seu triunfo, inclinada à vida simples, inimiga da notoriedade e exibição, tendo seu orgulho na saúde e felicidade do esposo. Essa esposa modesta e resignada era, portanto, a esposa ideal, porque sacrificando “*galas e jóias*” para que não faltassem livros e revistas, consolando e confortando o gênio nas horas de desalento, ajudaria a levar ao fim a magna empresa que seu esposo intelectualmente se dedicava. O

⁹ Como há de ser a esposa de um homem de estudo. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 20, junho de 1921.

¹⁰ Como há de ser a esposa de um homem de estudo. **Vida Doméstica**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 20-23, junho de 1921.

artigo finalizava dizendo que felizmente esse tipo de esposa modesta não era raro na classe média brasileira, bastando apenas que fosse conquistada para fazer dela um “órgão mental complementar”.

Essas ideias expressavam o temor que havia com a independência intelectual da mulher, zombando daquelas que tinham curso superior e profissões liberais, duvidando da sua capacidade profissional. Segundo a historiadora Rachel Soihet, estudiosa da zombaria como arma antifeminista, “o recurso da ironia e da comédia foi um poderoso instrumento para desmoralizar a luta pela emancipação feminina e reforçar o mito da inferioridade e passividade da mulher”¹¹.

As doutoras¹² eram tratadas como meras exibidoras de seu curso superior, sem a prática do seu ofício ou como mulheres que fracassavam no casamento. As literatas, com algumas exceções, eram retratadas na imagem da mulher “sabichona”, que se virilizava e perdia o encanto da “essência feminina”. O ideal almejado era a esposa que se realizava com o sucesso do marido e mantinha no lar uma atmosfera necessária para a tranquilidade deste.

As revistas reforçavam esse imaginário sobre a mulher ideal para o casamento e difundiam o discurso maternalista, apresentando uma grande afinidade com os discursos médicos. Segundo Maria Martha Freire (2009, p. 24), a medicina participou dessa discussão através dos conhecimentos da higiene e da eugenia, “fundamentando o nascimento da puericultura como campo de atuação médica, e legitimando o exercício de determinado tipo de maternidade – científica – em oposição às práticas empíricas guiadas pelo instinto, considerado insuficiente e irracional”. Nesse sentido, a educação era um meio de preparar as mulheres para essa maternidade consciente e para seus deveres de esposa.

Nessa perspectiva, a justificativa da educação feminina feita por Afrânio Peixoto combatia principalmente os argumentos ainda utilizados por setores conservadores, especialmente ligados à Igreja, que consideravam a emancipação da mulher através da educação uma ameaça para a harmonia das famílias. Para demonstrar que não se tratava de destruir a família, fazia os seguintes questionamentos: Então as mulheres não podem ser boas esposas e mães amorosas, senão ignorantes, dependentes, incapazes? Então, na sociedade conjugal, hão de ser elas sempre o sócio manietado, espoliado, reduzido ao silêncio, incapaz de deliberar, sem direitos justos, sem o respeito correlato que se deve a esses direitos, e de que o outro sócio, o que se diz e é reconhecido cabeça do casal, usa e abusa discricionariamente?

¹¹ SOIHET, Rachel. **Pisando no “Sexo Frágil”**. Revista Nossa História, ano 1, n. 3, janeiro de 2004, p. 15.

¹² Para saber mais sobre as críticas que ridicularizavam as mulheres que pretendiam seguir uma carreira liberal, ver a peça *As Doutoradas*, escrita em 1889 por Joaquim José da França. apud. COSTA, Suely Gomes. **Das Desventuras de ser Doutora**. Caderno Espaço Feminino, v. 12, n. 15, ago/dez de 2004.

Será a mulher a eterna menor, pela qual delibera um pai, sem a ouvir, um marido, sem a considerar, um filho, mais tarde, sem a respeitar? (PEIXOTO, 1923, p. 57).

A crítica de Afrânio Peixoto também recaía sobre a falta de direitos civis para as mulheres. Embora reconhecesse a conquista de alguns benefícios, fruto de penoso esforço, em sua opinião estes ainda não representavam a igualdade civil. Chegava a duvidar mesmo que esta fosse conseguida em sua época, em que as leis ainda eram feitas somente pelos homens. Por outro lado, continuava contrário à participação política das mulheres e às suas reivindicações de direito ao voto.

Os seus argumentos para questionar a hostilidade em relação à educação feminina e a conquista de direitos civis passavam pelas seguintes indagações: Em que se prejudicará a família, quando os esposos lograrem direitos iguais, que lhes cabem para a ação comum de manterem o lar e de criarem a prole que tiveram? Como exercer esse direito sem a educação que prepara o conhecimento para os deveres e as suas lícitas possibilidades? (PEIXOTO, 1923, p. 58).

A educação, portanto, era o fator primordial da emancipação feminina, pois, segundo Peixoto, os homens sabiam que a subalternidade de educação e de instrução da mulher era o meio mais eficaz de mantê-la na submissão civil e doméstica. Essa situação levava a ocorrência de algumas tragédias familiares, pois algumas mulheres preferiam a má fama a continuarem sofrendo nas mãos de cônjuges que dilapidavam seus bens, mocidade e beleza.

Dessa forma, Peixoto defendia que, se a educação era fundamental para a mulher viver bem no casamento, mais ainda era para viver sem ele. Após apresentar alguns dados estatísticos sobre a população núbil do país, mostrando que das brasileiras casáveis apenas 44% conseguiam esse intento, reforça seu argumento da necessidade de educar essas mulheres que não contarão com a proteção do marido, para que tenham um ofício honesto. Assim, a emancipação educativa e também econômica da mulher seria um meio de facilitar-lhe o casamento, porque seria a auxiliar e sócia de seu marido e não a dissipadora dos bens do casal. A educação da mulher concorreria para a prosperidade da família e não para sua destruição.

Eunice ou a educação da mulher

Em sua obra denominada *Eunice ou A Educação da Mulher*, apresentada como um ensaio de propaganda e justificativa dessa educação, Afrânio Peixoto fez uma retrospectiva do

que foi a educação feminina ao longo dos séculos nas sociedades ocidentais e reafirmou sua visão sobre como deve ser a educação da mulher.

Essa obra foi publicada inicialmente em 1936, reunindo textos inéditos, artigos e conferências já apresentados anteriormente e que expressavam a opinião do autor sobre esse tema. Em 1944, a obra é reeditada com o título de “Eunice”, mantendo o subtítulo. O autor explica no prefácio que a escolha desse nome feminino foi para tirar o aspecto dogmático do livro, sendo que “Eunice é a que vence facilmente, a quem a vitória não custa, pois que, para a mulher, se os dons naturais causam desejo e tormenta, esse, da educação, lhe dará vitórias fáceis, pois aceitas pelo mundo, conquista do esforço, ajudando à natureza”.

Entre os diversos temas debatidos nessa obra, destacamos sua opinião sobre a co-educação, o magistério primário, a educação física e intelectual e a emancipação feminina através da educação.

A co-educação ou educação mista, apesar de praticada em algumas escolas, ainda era motivo de acaloradas discussões, especialmente com os religiosos, que a consideravam um perigo para a honra feminina¹³. Segundo Afrânio Peixoto, não havia razão para separar aquilo que a vida iria reunir, e quanto mais cedo esses contatos pudessem acontecer, menores seriam os conflitos advindos dessa convivência. Considerava a co-educação benéfica principalmente para as mulheres, pois a instrução seria comum, diminuindo a disparidade da educação entre os dois sexos, portanto, seria uma condição essencial para a “igualdade sexual de aprender”. Assim, a separação dos sexos em escolas privativas com conteúdos diferenciados só contribuía para o desnivelamento, fazendo o homem se impor à sua companheira.

Nos homens e mulheres co-educados a instrução é comum. Foi a separação, a princípio ‘ciumenta’ ou ‘asiática’, dos sexos na escola e, depois, a separação ‘medrosa’ ou religiosa, que fez a disparidade de educação... Condição *sine qua non* da identidade educacional, da igualdade sexual de aprender, é a educação conjunta dos sexos, é a co-educação... Separem-se os sexos em escolas privativas, de cada um deles e teremos o desnivelamento e o homem imporá, à sua companheira, as diminuições de cultura, *ad usum puellae*. (PEIXOTO, 1944, p. 137).

O magistério feminino foi outra bandeira de Afrânio Peixoto, pois considerava que era uma vocação natural da mulher, uma extensão de suas qualidades maternas. Olhava com desdém os raros rapazes que se matriculavam nas Escolas Normais, pois para ele o professor primário era uma aberração, uma anomalia, homens falidos que antecipadamente capitularam

¹³ Outro argumento contra a co-educação, além da malícia sexual, era a preocupação com a desvirilização dos meninos, tornando-se mais brandos, amenos, sem a impetuosidade que vida requeria para os homens. Cf. PEIXOTO, 1923, p. 69.

diante da vida num país em que as utilidades masculinas ofereciam compensações másculas¹⁴. Já as mulheres nesse ofício representavam o escol do seu sexo, não querendo ser parasitas de pais, irmãos, maridos ou filhos (PEIXOTO, 1944, p. 138-139).

Outro aspecto importante da educação feminina era a educação física. Lembrava que o desprezo pelo corpo, em especial o feminino, era fruto de uma tradição cristã. Como diretor de instrução pública, recebeu vários protestos de pais contrários às práticas de ginásticas nas escolas, argumentando que não queriam educar as filhas para serem atletas. No entanto, se o objetivo não era fazer amazonas, também não poderiam deixar as mulheres no estado de degeneração que se encontravam pela falta de exercícios físicos, o que causava não somente prejuízos para as jovens como, principalmente, para sua prole.

O desenvolvimento mental era visto como função do desenvolvimento corporal, o qual era obtido pelo exercício físico. Considerava que para a mulher a educação física era mais necessária, pois a exigüidade de corpo e de forças vinha dessa sua atávica e milenar inatividade e submissão passiva. Além disso, os hábitos nocivos contribuía para modificar sua fisiologia, a exemplo dos coletes ou espartilhos, cuja pressão torácica obrigava a mulher a um tipo especial de respiração, de “coto-superior”¹⁵. Para Peixoto, uma mulher sem colete respira igual aos homens, não havendo um tipo respiratório especial aos sexos. Outra preocupação com a educação física era para o amadurecimento do indivíduo, evitando as tragédias causadas por casamentos precoces, em que as jovens mães pagavam pesado tributo, pagando com suas vidas ou de seus filhos (PEIXOTO, 1944, p. 248-257).

A educação intelectual para as mulheres foi reivindicada por Afrânio Peixoto, mas essa aquisição não deveria ser feita para “macaquear” o homem ou imitá-lo, o que considerava um equívoco das reivindicações femininas da época. Defendia a igualdade diante da lei, igualdade intelectual, econômica, sentimental, política, mas não como homem e sim como mulher. Iguais, mas diferentes, cada um segundo sua “natureza”. Achava que havia vocações masculinas para determinadas profissões, bem como vocações femininas, no entanto, só o exercício da vida iria discernir as melhores profissões, menos para o sexo do que para as pessoas que o compõe. Se havia aptidões, também a educação deveria ser invocada para isso.

Fazia a crítica das mulheres “sabichonas”, dizendo que muitas mulheres se perdiam por muita liberdade, pois muita cultura fazia *parvenues*, *snobnettes*, pedantes. Esse comportamento em sua opinião era o responsável pelos dois principais argumentos contra a

¹⁴ Fazia uma exceção para os casos de Pestalozzi e Froebel, homens que se dedicaram ao magistério por vocação.

¹⁵ Segundo Peixoto, essa respiração deficiente das mulheres as obrigava a mover apenas a parte superior do tórax, de onde o arfar do colo era tão gabado pelos poetas.

educação intelectual das mulheres, a saber, a arrogância que as perdia para si e para os homens e o mau destino social dado a essa educação. Esses eram casos considerados de “excessos e erros” que deveriam ser evitados, uma vez que a educação intelectual nas suas várias acepções – científica, artística, literária, técnica e profissional – tinha que ser feita por dois imperativos, o cultural e, especialmente, o econômico.

Portanto, defendia uma educação geral que cultivasse e desenvolvesse o espírito, a inteligência, que ajudasse a resolver as dificuldades da vida. A proposta era uma cota instrutiva de conhecimentos para as mulheres, que pudessem utilizar em caso de necessidade e como melhoramento de seu papel de esposa e mãe. O meio termo era o ideal, nem os preconceitos de antanho nem as apologias tendenciosas do feminismo. Uma orientação escolar para maior rendimento espiritual, orientação vocacional, técnica, científica, artística ou educativa para maior rendimento econômico. Com essa orientação considerava que não haveria nem presunções ou ridículos. O valor moral e econômico da educação servia tanto para as pobres ganharem a vida, quanto para as mulheres afortunadas (PEIXOTO, 1944, p. 273-283).

Apesar de defender a educação dirigida para a orientação profissional também no caso das mulheres, Afrânio Peixoto não via vantagens nas mulheres serem eleitoras, pois segundo ele os exemplos mostravam que as mulheres votavam nos pais, maridos, irmãos, namorados, em quaisquer homens, portanto, era um sexo desunido e ainda despreparado para essa importante decisão. Considerava suficiente para o tipo de emancipação que preconizava o fato de terem conquistado o direito de serem escritoras, jornalistas, médicas, bacharelas, tudo o que os homens eram.

Em diversos momentos nas obras de Afrânio Peixoto sobre educação aparece a preocupação com a subsistência da mulher, daquelas que não conseguirão formar um lar e precisarão trabalhar para viver. Considerava que a independência só existia na economia própria ou associada e a educação da mulher era o meio de consegui-la. No entanto, para essa independência não seria preciso constituir-se o chamado “terceiro sexo”¹⁶. A educação daria a independência na cooperação e à medida que as mulheres se educassem o mundo melhoraria, estas seriam menos desagradáveis com seus maridos e saberiam educar sua prole, pois como era opinião corrente a educação do homem começava na educação da mulher. A felicidade comum dependeria da educação da mulher, ou seja, educada seria também educadora (PEIXOTO, 1944, p. 312-316).

¹⁶ O terceiro sexo era associado às mulheres virilizadas, geralmente vistas como feias, lésbicas, solteironas e sabichonas.

Sendo assim, a emancipação defendida por Afrânio Peixoto, promovida pela educação física e intelectual, faria das mulheres seres fortes, companheiras dos homens, educadoras da sua prole, mais atuantes na sociedade.

Essa educação, suprimindo a maior tara atual da mulher, a 'mulher braba', a mulher injuriosa, eliminará duas outras taras que lhes denunciam, agora ainda inferioridade mental: comprar demais, gastando dinheiro inutilmente e falar demais, perdendo o tempo, entontecedoramente... Se o lar não é feliz a culpa é das mulheres. Das mulheres não educadas, não educadas para esposas e para mães, para o lar...A mulher educada é como a mulher forte das Escrituras: pode tudo (PEIXOTO, 1944, p. 36).

Considerações finais

Para Afrânio Peixoto, as reivindicações femininas que resultavam em algumas mudanças na condição da mulher, trouxeram várias conquistas inúteis, mas por outro lado trouxe uma que era fundamental, a igualdade dos sexos diante da cultura. Essa igualdade tinha como base a co-educação dos sexos desde a escola elementar, a qual devia se tornar regra, assim como a educação feminina que devia alcançar níveis mais elevados.

Considerava os argumentos contra a co-educação escolar como sendo classistas, pois seus detratores não se preocupavam com a convivência das mulheres pobres com os operários nas fábricas ou nas ruas onde buscavam o sustento, mas sim visavam apenas a sagrada família afortunada, as meninas burguesas, que corriam perigo de serem educadas com os meninos, especialmente nas escolas públicas onde poderiam ter o contato com pessoas do povo.

Sua obra pedagógica, em consonância com sua crença no saber médico para sanear física e moralmente o país, visava adequar as mulheres aos novos tempos, sem os exageros das aspirações feministas e sem os limites tradicionais que as tornavam débeis e incapazes, protegendo-as dos perigos da vida moderna, com seus noticiários escandalosos em jornais e revistas, filmes amorais, danças sensuais, luxo e ostentação das *coquettes*, enfim, evitar as chamadas mulheres modernas e independentes, cujo comportamento considerado liberal era visto como uma ameaça para a família e a sociedade.

O pensamento educacional de Afrânio Peixoto estava em sintonia com as concepções consideradas mais progressistas em relação à emancipação feminina, a qual era vista não como independência, mas como um meio das mulheres cumprirem seus papéis sociais de esposa e mãe, tendo na instrução uma espécie de reserva de "capital cultural" para ser utilizado em caso de necessidade. Enfim, apresentou um discurso normativo que se direcionava especialmente para as mulheres das camadas médias, naquele momento cada vez

mais presentes no mercado de trabalho e buscando uma profissão por meio de uma melhor escolaridade .

Referências

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 98

AZEVEDO, Fernando de. **Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas – S.P: Editora da Unicamp, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Suely Gomes. “Das Desventuras de ser Doutora”. In. **Caderno espaço feminino**, v. 12, n. 15, ago/dez de 2004.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2009.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOTA et al. Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947): ensaio biográfico. In. HERSCHMANN, Micael M; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 - 30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

PEIXOTO, Afrânio. **Eunice ou a Educação da mulher**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1944
_____. **Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional**. Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 1923

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. **O passado que se tornou lição: os manuais de Afrânio Peixoto e Theobaldo Miranda Santos e as noções de História da Educação para alunas normalistas**. Disponível em: < www.anped.org.br>. Acesso em: 15 de agosto de 2010.

SOIHET, Rachel. Pisando no “Sexo Frágil”. **Revista Nossa História**, ano 1, n. 3, janeiro de 2004, p. 15